

Excelências

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Um Museu.

Nosso. Vosso. De cada um. De todos.

Partilho, aqui e agora, uma alegria para a qual vos convoco.

Todos fazem parte deste dia de júbilo.

Atrevo-me, pois, a pedir-vos um aplauso para o Museu do Conflito que se apresenta no dia de hoje, ao serviço da cidadania.

*

Nasce num mês simbólico, Abril, onde, há cinquenta anos, despontava aquele dia inicial, inteiro, limpo. Afugentadas as negras sombras, cintilavam as cores da liberdade.

Um Museu onde a Poesia tem privilégio de parede inteira num azul sereno, de luz e verdade. Com empatia, atento ao outro e ao outro-do-outro, descreve-se, na pena sábia de Jorge Luís Borges, não a Justiça, distante e abstrata, mas os Justos, próximos, concretos.

“Aquele que acarinha um animal adormecido”; “o que prefere que os outros tenham razão”. “Esses, que se ignoram, estão a salvar o mundo”.

Um Museu moderno, albergando documentos – muitos – e objetos que derrotaram o cansaço do tempo.

Um Museu assente no espólio do Tribunal da Relação do Porto pujante num percurso de mais de cinco séculos, que se confunde com a vida da cidade, desta cidade extraordinária: o Porto.

Um Museu que privilegia, não o objeto que expõe, mas a pessoa que o visita.

Marilyn Hood na sua obra “Staying Away: why people choose not to visit museums” assume que, por vezes, os museus fogem-nos, parecem locais a evitar.

Por isso, percorremos aqui caminhos redentores nascidos de uma interação pessoal e social, da comunicação simples, imediata, útil, do sentimento de agradabilidade, da fruição e vontade de aprender coisas novas, apostando numa atitude ativa do visitante - tátil, epidérmica, sensorial - na relação com os objetos mostrados.

Um Museu que arriscou, que ousou, que quis mais.

Procurando um público plural, eclético.

Contando histórias.

A história do Porto, invicta, indomável; a história vivida, carne, osso, sangue, dos nossos processos emblemáticos – Camilo, José do Telhado, Urbino de Freitas, a “Bruxa de Soalhães”. Os processos não são pessoas de papel.

Um museu que traz uma mensagem assente na tolerância e no diálogo; que, em alto relevo, aponta o ideal democrático, liberal, que se garante na Justiça de agora e se planeia na Justiça do futuro.

No segmento a Justiça Hoje, com pedagogia, pensando nas escolas que nos visitam, explica-se, com singeleza, a separação de poderes, a independência dos tribunais, as regras do Estado de Direito; na Justiça Amanhã, escreve-se Inteligência Artificial, Algoritmo, Machine Learning mas logo se declina o verbo primordial: humanizar.

Um Museu, que tem como missão o reforço da confiança no poder judicial, mostrando que os tribunais, soberanos, independentes, são uma conquista civilizacional, ao serviço do Povo; há que o lembrar, cinquenta vezes que seja, nestes tempos de proclamada fadiga democrática.

*

Museu do Conflito.

Ao longo da vida de cada um de nós, o conflito é inevitável; sem ele, não haveriam tribunais.

O Papa Francisco explica-o em palavras diretas, no seu livro “Iluminai o futuro”: uma vida sem conflitos não é vida.

O nome – assertivo, polémico – ganhou asas.

O poder judicial argentino pedia-me, há uns tempos atrás, permissão para o imitar. O futuro museu, a construir em duas vilas restauradas de Mar del Plata, chamar-se-á, ao que parece, Museu do Conflito Humano.

Conflito, sim: porque é com ele, por ele, através dele, que podemos, enfim, com emoção e razão, encontrar a paz, aquela que se nomeia à saída do Museu.

A Paz de Sophia:

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

Fazei Senhor que a paz seja de todos

Dai-nos a paz que nasce da verdade

Dai-nos a paz que nasce da justiça

Dai-nos a paz chamada liberdade

A paz sem vencedor e sem vencidos.

*

Excelências

Minhas Senhoras e meus senhores.

O Tribunal da Relação do Porto, ao longo dos anos, tem procurado firmar-se como instituição de referência nas ciências jurídicas, na cultura, na solidariedade social, no compromisso ambiental.

Dezenas de iniciativas foram por nós organizadas; seria impossível a todas nomear. Permitam-se apenas apontar as que aí vêm, no futuro imediato, muito próximo.

Em poucas semanas, seremos o primeiro tribunal do país totalmente dotado de sustentabilidade energética.

Assinado o Pacto do Porto para o Clima, iniciamos a separação de resíduos, eliminamos o plástico e orgulhamo-nos de dispor, em fase final de instalação, de 83 módulos fotovoltaicos sobre a cobertura do edifício, garantindo uma energia verde, renovável e limpa.

Nos próximos dois meses, até Junho, vamos comemorar abril, vamos apresentar duas obras literárias, reuniremos juízes de toda a Espanha no II Encontro Luso-Espanhol, reforçaremos a cooperação internacional através de um projeto de geminação, também ele pioneiro, com o Tribunal de Apelação de Reims, em França; continuamos a apoiar quatro instituições de solidariedade social do Porto, num esforço solidário dos nossos Desembargadores, através da dádiva de dezenas de milhares de euros em produtos alimentares.

Mas, destaco uma iniciativa estreitamente ligada à inauguração de hoje.

Já no dia 9 de Maio – falta menos de um mês – inauguramos no nosso Piso Cultural, o terceiro, uma grande exposição de pintura e escultura que pretende, justamente, escoltar a inauguração do nosso Museu.

Denominada “A Arte do Conflito – Aqueles que, sem o saber, estão a salvar o mundo” reúne obras originais, especialmente criadas para esta exposição, de vinte conceituados artistas, selecionados pela “Cooperativa Árvore”, nossa vizinha de porta ao lado.

A partir de 9 de Maio, ao final da tarde, e até 15 de Dezembro – não deixem de nos visitar, estão, naturalmente, convidados.

Antes disso, hoje mesmo e até ao próximo dia 25 de Abril, não deixem ainda de apreciar a exposição atual do Tribunal da Relação do Porto, de pintura e fotografia, a “Just’Arte”, integralmente constituída por obras de 19 juízes, procuradores e funcionários judiciais. Graças ao dinamismo do seu curador, o colega Jorge Langweg, temos já preparado um projeto para que a exposição possa ser exibida em outros palcos, muito em particular, num esforço de internacionalização, na nossa vizinha Espanha.

*

Minhas Senhoras e meus senhores.

Colegas e amigos.

Não posso terminar sem o cunho de uma palavra que personifica a memória: a memória do coração.

A palavra é gratidão.

Chegou o momento de agradecer.

Faço-o, com a devida vénia, a partir do Tratado sobre a Gratidão de São Tomás de Aquino, na “Summa Teologica”, citado por Sampaio da Nóvoa, numa intervenção que as redes sociais celebrizaram.

São Tomás de Aquino explica: existem três níveis de gratidão: um nível superficial, um intermédio e um realmente profundo.

O nível superficial é o nível do reconhecimento intelectual, cognitivo. A esta dimensão pertence o “thank you” inglês (próximo do pensamento: “to think”) ou o “zu danken” alemão; é assim que estes povos agradecem. O segundo nível é o nível da mercê, do francês “merci”, dando graças a alguém pelo que nos fez – anotem o “gracias” espanhol ou o “grazie” italiano.

Mas o agradecimento que partilho convosco é o mais profundo, o que expressa um vínculo, um compromisso interior.

Falo, como já perceberam, do nosso “obrigado” - o nível mais intenso do tratado da gratidão.

A quem estou grato, eu fico obrigado. Agora e sempre.

E neste nosso obrigado, destaco, em primeiro lugar, os curadores do museu – Joel Cleto e Suzana Faro, artífices maiores da obra.

Nomeio os executores do projeto, Cláudio Araújo e Nuno Guedes, o designer Nuno Leal, o Pedro Pereira e os seus colaboradores, o arquiteto Germano Castro Pinheiro.

A Victoria Kodama, sobrinha da viúva de Jorge Luís Borges, porque sem ela não pontificaria no museu o icónico poema “Os Justos”.

A Câmara Municipal do Porto, na pessoa do seu Presidente, Rui Moreira, a Professora Paula Pinto Costa, diretora de Faculdade de Letras, instituição com quem celebramos um protocolo de cooperação a pensar no futuro. O Escultor Paulo Neves, cuja estátua doada, perfila-se, serena, guardiã da paz, à porta do

Museu; concebida para a exposição “Os Justos” que teve lugar neste Palácio, nesta Relação, não podia ter conhecido destino mais apropriado.

O Diretor Geral dos Serviços Prisionais, Rui Abrunhosa Gonçalves, por nos permitir ser fieis depositários do Altar da Nossa Senhora da Conceição que pontifica no átrio de entrada do Museu, no segmento Justiça Divina.

Ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, na pessoa da Professora Gilda Santos, ao Centro Português de Fotografia, na pessoa do Dr. Bernardino Castro, ao Dr. José Manuel Oliveira, da Casa de Camilo, a Irmandade das Almas de São José das Taipas, na pessoa do Dr. António Condé Pinto.

Um Obrigado enfático, reconhecido aos meus antecessores, presidentes eméritos desta Relação, Correia de Paiva, Gonçalo Silvano, José Lameira, Henrique Araújo e Nuno Ataíde, por sempre terem sido incansáveis a proteger, ampliar e promover o espólio do nosso Tribunal; todos são coautores desta obra contínua, em permanente construção.

Um Obrigado muito especial àqueles que dentro desta casa, porque nela trabalham, me acompanharam nesta aventura singular – não os nomeio a seu pedido mas eles sabem de quem falo. Refiro-os com emoção e carinho.

Um Obrigado aos meus Colegas Desembargadores, em particular àqueles com quem convivo diariamente nesta Casa. Obrigado pela vossa solidariedade ao longo destes meses, sempre cúmplices, sempre presentes.

Finalmente, obrigado ao Javier Bajer que vão escutar a seguir.

Foi ele que, em muitas conversas, em muitas mensagens, tanto me ajudou, com saber e criatividade, a definir um rumo para este projeto.

Caro Javier, um obrigado profundo, perene, sentido: o obrigado português.

E é justamente para ti que agora passo a palavra.

Porto, 18 de Abril de 2024

José Igreja Matos